

Detecção molecular de circovírus em araras-canindé mantidas em CETRAS em monitoramento previamente à soltura

ALLINE BORGES SALOMÃO¹, BIANCA FIORAVANTI SALVADORI¹, DANIELLE VACCARI RAMOS¹, IGOR AGUIAR MACCHIOLI¹, MARIA ESTELA MENDES DA SILVA¹, OTÁVIO GUILHERME GONÇALVES DE ALMEIDA², PEDRO MEIRELLES FAVARETTO WEFFORT², ALEXANDRE CARVALHO GOUVÊA², LUISA ZANOLLI MORENO¹

¹. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA- JÚLIO DE MESQUITA FILHO, FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E VETERINÁRIAS, JABOTICABAL/SP, BRASIL

². CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES, MORRO DE SÃO BENTO, RIBEIRÃO PRETO/SP, BRASIL

Introdução: A Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos (PBFD) é uma doença exótica introduzida no Brasil que acomete principalmente Psittaciformes de vida livre e de cativeiro. É causada pelo *Circovirus parrot*, um vírus DNA fita simples, não envelopado e resistente no ambiente. Altamente transmissível, pode ser disseminado por aerossóis, pó das penas, secreções e fômites. Nas formas hiperaguda e aguda, a doença pode ser letal, sobretudo em aves jovens; a forma crônica é caracterizada por distrofia e falhas no empenamento. A PBFD não tem cura, e aves positivas, bem como seus contactantes, devem ser submetidas à eutanásia sanitária. Nesse contexto, a reação em cadeia da polimerase (PCR) é considerada padrão-ouro para detecção viral em diferentes tipos de amostras biológicas. **Objetivo:** Descrever detecção molecular de Circovírus dos psitacídeos em araras-canindé (*Ara ararauna*) mantidas num Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens (CETRAS), com enfoque na aplicação da virologia diagnóstica no contexto pré-soltura. **Materiais e métodos:** Foram avaliadas araras-canindé sob cuidados no CETRAS, de diferentes origens e admitidas entre outubro de 2025 e março de 2026, incluindo filhotes, juvenis e adultos. Os relatórios zootécnico-clínicos indicavam evolução desfavorável em parte dos indivíduos até meados de abril de 2026, com subdesenvolvimento, alterações tegumentares e/ou histórico de arrancamento de penas. Na triagem sanitária prévia à soltura, amostras de sangue, swab de cloaca e penas foram submetidas à PCR. Inicialmente, foi realizada avaliação em pool de três aves em 09/04/2026, por meio de painel molecular de soltura. Posteriormente (15/04/2026), foi efetuada contraprova para Circovírus em pool de cinco aves. No final de abril de 2026, amostras individuais de sangue total dos oito animais do recinto foram coletadas no momento da eutanásia e encaminhadas para PCR específica. **Resultados:** As primeiras análises foram realizadas em pool de animais e de forma composta com junção de materiais clínicos distintos (sangue, swab de cloaca e penas); na triagem com painel molecular de soltura a amostra foi positiva apenas para Circovírus, resultado comprovado na contraprova. Na análise final de sangue dos oito animais do recinto, esta foi realizada individualmente para cada animal e apenas dois destes foram positivos para detecção de Circovírus. **Discussão:** O caso evidencia a importância do monitoramento virológico em programas de triagem sanitária de aves silvestres candidatas à soltura. Na PBFD, as manifestações clínicas podem ser variáveis, inespecíficas ou até ausentes em fases iniciais, limitando a triagem baseada apenas em exame físico. Nesse cenário, a PCR mostrou-se ferramenta estratégica para detecção do agente e suporte à tomada de decisão sanitária. Entretanto, a interpretação

diagnóstica deve considerar as limitações inerentes aos diferentes tipos de amostras clínicas, uma vez que sangue, swab de cloaca e penas podem apresentar sensibilidades distintas conforme a fase da infecção, a dinâmica de excreção viral e a carga viral presente no material analisado. Além disso, armazenamento, transporte e quantidade de amostra influenciam diretamente a qualidade e a acurácia do resultado. **Conclusão:** A PCR tem elevada importância no diagnóstico da PBFD e no monitoramento sanitário em programas de soltura e reintrodução, devendo ser interpretada em associação com a escolha adequada da amostra clínica conforme a fase da infecção.

Agradecimentos: Ao CETRAS Morro de São Bento, Ribeirão Preto-SP